



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

XI CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**PROCESSOS IDENTITÁRIOS E REMOÇÃO DE FAVELAS: A EXPERIÊNCIA
DE MORADORES REMOVIDOS NA RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
COLETIVA E APROPRIAÇÃO SOCIAL DE UM NOVO ESPAÇO**

Ana Paula Serpa Nogueira de Arruda

Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF

serpanogueira@yahoo.com.br

Introdução

A política de remoção de favelas tem um caráter transformador uma vez que promove deslocamentos espaciais de moradores que vivem em comunidades periféricas. Entretanto, muito mais que uma mudança espacial, estas famílias remanejadas passam por uma alteração em várias áreas de suas vidas, uma vez que esta transformação também é simbólica, identitária, e social.

Atualmente, a remoção de favelas marca fortemente a política de habitação das cidades de porte médio¹. Campos dos Goytacães também vem promovendo projetos nesta área e já possui mais de 20 conjuntos habitacionais. Ocorre, porém que raramente são elaboradas políticas de urbanização das favelas. No início de 2009, a atual prefeita anunciou a construção de 5.100 unidades habitacionais divididas em mais 13 conjuntos habitacionais. A remoção é tratada como solução para a questão habitacional, bem como para outros municípios da região norte fluminense.

Atualmente, a política de remoção parece não ter acumulado com as experiências negativas da década de 60 e 70, tão discutidas por diversos estudiosos. Ao contrário, repete erros do passado, principalmente quanto à alocação populacional do conjunto e a constituição de projetos impessoais e desprovidos de participação. A preocupação com a preservação das identidades e laços de sociabilidade presentes nas favelas as quais se destinam os projetos de habitação continua ausente aos seus planejadores. Aliás, a favela ainda hoje é vista por muitos como um local desprovido de cultura própria, ou

¹ Guimarães (2007), Teixeira (2007), Cardoso (2006), Pova (2002).



como um local de cultura inferior ao resto da cidade, o que reflete no planejamento urbano destes espaços. Ela é concebida por muitos como um espaço a ser extirpado da malha urbana.

Neste sentido, assim como ocorreu nas décadas de 60 e 70 no Rio de Janeiro², ainda hoje, a política habitacional em Campos atua desta forma: moradores de diferentes favelas são removidos para um mesmo conjunto habitacional. Isto porque a política de remoção não considera as identidades culturais, a história local, os laços de pertencimento estabelecidos pelos moradores das favelas campistas. O problema pode ser colocado do seguinte modo: até que ponto a retomada da política de remoção reflete e corrige os erros do passado?

Neste sentido, o objetivo desta pesquisa foi analisar a política municipal de remoção de favelas de Campos dos Goytacazes, a partir da percepção dos principais atores envolvidos: moradores removidos. Foi definido como objeto de estudo o conjunto habitacional da Aldeia, construído em 2001, uma vez que este constituiu um dos primeiros passos deste tipo de política que parece destinada a se expandir. Para este conjunto foram removidas famílias da favela da Aldeia, bem como de outras áreas da cidade o que causou problemas de sociabilidade. Assim, interessa saber como a reconfiguração espacial afetou a identidade coletiva e os laços de solidariedade local, e se estas puderam ser reconstruídas no conjunto habitacional.

Por sua vez, é importante também perceber se existe uma conformação entre a configuração do conjunto habitacional e a apropriação social deste espaço pela população estudada, sobretudo no que consiste ao direito ao espaço urbano. Observei como as mudanças decorrentes do processo de remoção afetaram o sentimento de pertença e o comunitarismo existente na favela anteriormente habitada.

Isto teve como instrumento privilegiado a “reconstituição” da experiência mediante relatos de vida e a representação da mudança que eles exprimem. Utilizei entrevistas com os mesmos e a observação direta da comunidade em seu dia-a-dia. As entrevistas foram analisadas através da análise de conteúdo, gravadas e realizadas nas casas dos moradores. O trabalho de campo foi realizado no ano de 2008.

² Vide exemplos de conjuntos como Cidade de Deus, Vila Kennedy



Passados dez anos da remoção da favela da Aldeia, é preciso avaliar seus impactos, recuperando o “espírito” dos estudos dos anos 60, que levou em consideração não apenas indicadores estatísticos de condições de vida obtidas, mas partiram a campo para incorporar os moradores e sua experiência. (Valladares)

Trata-se de ir além de uma análise puramente economicista ou política para avaliar o impacto social destas políticas remocionistas sobre a população estudada. Geralmente, são mais analisadas as conseqüências econômicas e de ordem física dos conjuntos habitacionais, o que é chamado de pós-ocupação. As conseqüências sociais na vida dos moradores, como eles se adaptam socialmente a nova realidade, bem como a reconstrução de suas identidades culturais frente ao novo lugar ainda carecem de estudos. Esta reflexão sobre a remoção de favelas me permite visionar quais as implicações da realocação de moradores de diferentes favelas para um mesmo conjunto habitacional em suas identidades culturais e como estas podem vir a ser (re)construídas no novo espaço.

O olhar remocionista sobre as favelas

A moradia digna ainda é privilégio de poucas pessoas em nosso país. Contudo, a Constituição Federal (BRASIL, 1989) afirma, no artigo 6º, que ela constitui um direito social. Também o Estatuto da Cidade, aprovado em julho de 2001, certifica no seu artigo 2º *“a garantia do direito a cidades sustentáveis, entendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte e aos serviços ao lazer, para as presentes e as futuras gerações (BRASIL, 2001).”* Entretanto, podemos observar no país o crescimento de favelas e loteamento irregulares, uma vez que o direito a habitação e a inclusão à cidade formal ainda esta distante para milhares de brasileiros.

Por sua vez, no Brasil, podem ser identificadas duas propostas básicas de atuação do Estado nas favelas: a primeira é o desfavelamento ou a remoção, o que implica a transferência dos moradores e a extinção das favelas do espaço urbano; em contrapartida, temos a urbanização das áreas faveladas, prevendo a permanência dos



moradores na área e a introdução de melhorias na infra-estrutura do local e a divisão do terreno em lotes e frações ideais (Valladares, 2000). De acordo com Valladares (1982), por muito tempo a população das favelas foi associada à marginalidade, uma ideologia que teve grande vigência na América Latina e no Brasil, e que influenciou muitas políticas.

Embora sejam necessárias, nos casos das favelas que se localizam em áreas de risco, as políticas de remoção foram muito criticadas por vários³ pesquisadores do tema. O desfavelamento pode gerar conseqüências, como o aumento das despesas com a habitação, provenientes da necessidade de arcar com o pagamento dos serviços urbanos. Também se percebe a desintegração gerada pela destruição da favela e dos laços sociais de solidariedade então predominantes (Valladares, 1978). Aponta-se também que, em muitos casos, as pessoas remanejadas não se fixam nas áreas devido ao atraso das prestações que não conseguem pagar, ou à “expulsão por mecanismos de mercado” - vendendo seus “direitos” sobre as casas e voltando para outras favelas.

Durante várias décadas, mas principalmente nas décadas de 60 a 70, o poder público mantinha sobre a favela um discurso remocionista. Na década de 60, uma grande política de remoção foi implantada no Rio de Janeiro, quando vários favelados foram removidos para conjuntos habitacionais como Cidade de Deus e Vila Kennedy, em locais distantes do centro da cidade. (Zaluar, 1999)

Os programas habitacionais remocionistas, para Valladares (1978), não tiveram êxito, pois viam a favela apenas como um problema habitacional e de uso de solo. Não consideravam as características de sua população e o porquê de morarem em favelas. Atualmente observamos o retorno da remoção de favelas em cidades de porte médio. Entretanto, hoje, o uso da remoção como principal solução para a favelização, principalmente nas cidades de médio porte, revela que a municipalização não acumulou com a experiência das grandes cidades.

A transição para um conjunto habitacional: habitando um novo espaço

³ Valladares (1978) (1982) Perlman(1977) , Zaluar (1985)



O ato de "habitar" está na base da construção do sentido da vida, nos modos de apropriação dos lugares da cidade, a partir da casa. Dessa forma, o ato do habitar produz a "pequena história", aquela construída nos lugares comuns, por sujeitos comuns, na vida diária. Neste sentido, habitar possui um sentido mais amplo e social e não se resume a apenas um lugar para dormir, mas para permanecer e manter laços. Heidegger (1994) nos propõe a revisão do conceito de habitação, recorrendo à genealogia do termo e identificando a relação entre o significado de construir e habitar. *“Construir significa habitar. Isto quer dizer: permanecer-se, deter-se”*.

Para Lefebvre (1999), é necessário encontrar o sentido do habitar, considerado por muitos, equivocadamente, como *“negligenciável”*. Contudo, para o autor, dentre os níveis do fenômeno urbano, *“O essencial, o fundamento, o sentido provêm do habitar”*. A relação do ser humano com a natureza e com a sua própria natureza (ser) reside no habitar. A casa, a habitação, de acordo com Teixeira (2004), é o nosso canto no mundo, é o nosso primeiro universo. Muito além de abrigo e refúgio, a casa, o habitar, faz parte do que somos.

Para Teixeira, habitar não significa apenas ocupar um lote e possuir uma edificação, mas estar ligada a elementos que garantam qualidade de vida, dentre outras coisas, a existência de atividades econômicas, culturais, sistemas de transportes, comunicação e de abastecimento. Além disto, existe toda uma significação emocional no habitar, já que este é o local das interações e da construção da história de vida dos indivíduos.

Lefebvre afirma que a necessidade de habitar pertence a todo ser humano, e quando não lhe são dadas condições para habitar de forma correta, *“ele (o ser humano) a fabricará à sua maneira”*. Assim, diante da necessidade de habitar, mas em uma sociedade em que a habitação é um privilégio, vemos as estratégias de sobrevivência da população que não possui acesso a uma casa. Dentre estas estratégias, destaca-se a favela. A favela é uma das formas de habitar diante da não obtenção de uma moradia formal.

Contudo, habitar vai além da aquisição de um mero espaço físico, mas envolve também a formação de uma coletividade que coloca homens e mulheres em um mesmo



espaço organizado, o que vai identificar uma comunidade (Lima, 2007). E, desta forma, o habitar instaura uma dimensão de comunidade no sentido em que é comum a todos, a formação de um espaço tornado emblemático e, neste sentido, carregado de significados.

Segundo Perlman (1977), a favela tem uma funcionalidade que não é compreendida por muitos, tendo em vista que, diante das restrições econômicas de determinada parcela da população, a favela é uma solução extremamente funcional para muitos de seus problemas. Além disto, a partilha e o comunitarismo da favela são modos de vida essenciais para quem vive à beira da subsistência. Desta forma, *“onde falta o atendimento governamental, constitui um sistema mínimo de assistência social e de bem-estar familiar patrocinado pela comunidade”*.

Para Burgos (2005) um aglomerado torna-se favela à medida que desenvolve um microsistema sociocultural próprio marcado pelo estabelecimento de uma identidade territorial apoiada em instituições locais que são construídas por seus membros. Deste espaço vivido surgem os elementos de significado e de pertencimento que são referenciais identitários que agem sob uma ótica coletiva como os líderes locais, as associações mediadoras de demandas coletivas, comércio e ordem jurídica locais, elementos essenciais à integração social.

Por sua vez, a favela é constituída por uma rede de símbolos e significados que formam a identidade dos seus moradores, que por consequência possuem as representações deste espaço vivido, percebido. É esta favela, lugar de pertencimento, também chamada de comunidade, termo que exprime segundo Bauman (2003) um lugar aconchegante, conhecido, de vivências coletivas.

Ao passarem por um processo de remoção esta identidade se vê ameaçada pelas inúmeras possibilidades de re-significação do novo espaço, uma nova apropriação permeada por um novo sentido. O pertencimento é de acordo com Souza e Silva (2003) *é o processo de incorporação e exteriorização de atitudes que levam à constituição da identidade*. É mais que um sentimento uma vez que se expressa em atitudes.

De acordo com Gonçalves (1994) a produção de identidades não é um processo uniforme, pois depende de fatores sociais e culturais os quais os indivíduos vão



constituindo ao longo da vida de acordo com suas experiências. Assim, em um mesmo espaço, um grupo pode partilhar de uma mesma referência identitária uma vez que este local possui um sentido partilhado e apreendido.

A remoção para o conjunto habitacional pode colocar em risco laços sociais e identitários existentes na comunidade a ser realocada, principalmente quando suas opiniões não são consideradas na elaboração dos projetos. Além disto, é comum que sejam realizados conjuntos que misturam moradores de vários locais o que também leva a perda de identidades singulares e que não conseguem ser reconstruídas no novo espaço.

Neste sentido os processos de identidade são essenciais para um estudo sobre favelas e sobre suas remoções. Como estas identidades criadas e recriadas pelos moradores são modificadas, restabelecidas no novo espaço denominado conjunto habitacional? É necessário considerar que os espaços são apropriados socialmente pelos grupos sociais que o compõem, são assim dotados de um pertencimento de um significado que lhes é peculiar. Este deslocamento espacial típico da remoção vem acompanhado pela reconstrução de processos identitários pelos quais os atores sociais experimentam transformações principalmente em seus sentimentos de pertença a uma comunidade, a um grupo que partilha valores e referenciais comuns.

Identidades culturais reconstruídas e a apropriação social de um novo espaço: a experiência vivida pelos moradores do Conjunto Aldeia

O conjunto habitacional da Aldeia foi edificado em 2001, possui 400 unidades habitacionais, buscando atender famílias que moravam em área de risco da favela da Aldeia, às margens do rio Paraíba do Sul. O residencial foi construído próximo à antiga favela. O local do conjunto é igualmente afastado da cidade e marcado pela mesma falta de trabalho, transporte e habitações de qualidade, que caracterizava antes a favela. Em 2006 foram construídas mais 110 casas. Contrariando promessas feitas aos moradores não assistidos em 2001, poucos moradores da Aldeia foram contemplados neste último projeto.



Esta favela foi formada a partir⁴ da década de 60 por pessoas provenientes, inicialmente, da Usina de Sapucaia. Com o declínio da indústria açucareira, várias famílias⁵ estabeleceram-se na cidade em busca de emprego, e sem dinheiro para a aquisição de uma casa, foram se instalando à beira do rio. Segundo o Censo 2000, a favela possuía 533 residências. Mas, não todas as famílias da Aldeia foram removidas e ainda hoje há moradias no local.

Em verdade, o projeto original foi marcado por inúmeros problemas. Muitas famílias, que queriam ir ao conjunto, não foram contempladas pelo programa habitacional, já que suas casas não foram “consideradas” como estando em área de risco de enchente. Em contrapartida, outros que tiveram suas casas selecionadas se recusaram a deixá-las.

“Muitos vizinhos se revoltaram, não queriam mudar, muitos achavam que a casa deles tava melhor, teve muita polêmica assim (risos). Tinha gente que não deixava, que não queria que derrubasse a casa, né ... Tinha gente com pena sim. Não era todos que estavam de acordo pra sair não.”

Outros por sua vez, devido aos problemas com a enchente, apoiaram a remoção:

“Muitos gostam, muitos não gostam né... Eu dou Glória a Deus porque na beira rio era muita água. A gente, quando o rio enchia, era água, a gente nunca poderia ter móvel, nunca poderia construir.”

Entretanto, segundo os moradores, o conjunto deveria ter sido destinado apenas aos residentes da Aldeia, como salientado pelo agentes públicos da época. Em contrapartida, muitos moradores de outras localidades também foram remanejados para o local, provocando certo mal estar. A principal consequência parece ser o enfraquecimento dos laços sociais e da identidade coletiva.

Muitos moradores removidos alegam não terem se adaptado aos conjuntos construídos pelo poder público (seja municipal ou estadual) principalmente pelo

⁴ Fonte: Departamento de Assistência Social da PMC - PDUC/1978. Em 1978, a favela da Aldeia já contava, segundo dados da prefeitura, com 165 casas de madeira e 96 de tijolo.

⁵ Com a decadência da indústria açucareira, estas famílias abandonaram as atividades rurais em que a moradia era oferecida aos trabalhadores pelos usineiros.



desvinculamento de suas redes sociais, pelo sentimento de desenraizamento de suas identidades culturais. No caso do conjunto da Aldeia, analisado em meu estudo, a remoção contribuiu para a dissolução dos sentimentos locais que garantiam a coesão social, através de diferentes fatores, como o afastamento de vizinhos antigos, a entrada de pessoas não procedentes da favela, o aumento da sensação de insegurança e violência.

Além disto, a favela da Aldeia foi formada na década de 60 às margens do rio Paraíba, o que representava uma marca da comunidade através dos muitos pescadores. Os moradores se reuniam para fazer festas, forrós, para pescar, para batizar as crianças recém nascidas. Entretanto, a favela enfrentava todos os anos o problema da enchente, o que fez com que a prefeitura planejasse sua retirada. Mesmo nestes momentos de enchente a comunidade permanecia unida e os moradores ajudavam uns aos outros, nos abrigos de escola e de igrejas. Segundo relato de moradores entrevistados:

“Lá... lá era um parque de amizade. A gente convivia há muitos anos, mas separou tudo, então nunca é normal igual como foi. Aqui já misturou, num jeito diferente porque veio muita gente de fora, de outros bairros... entendeu? Porque lá a gente vivia assim, porta com porta. Nós sempre convivia bem, Graças a Deus, nunca brigamos, era muito bom.”

“ A favela da Aldeia era uma família. A gente se reunia na beira do rio, fazia festa, lutava pelas nossas necessidades na associação.”

“É porque lá eu era livre né. A senhora não viu o meu pomar lá. Lá eu era livre! ... Ou seja, aqui (no conjunto) eu não tenho liberdade. Se eu quisesse uma cebola eu comia lá, um mamão eu comia lá, a banana eu comia lá. Tudo eu pegava da horta! E se quiser um peixe, dou um tarrafada pra pegar um ... Isso sim era bom!”

O conjunto Aldeia, como já dito, recebeu pessoas de várias partes da cidade. Com isto muitos moradores que vieram da favela da Aldeia não se reconhecem mais no local



já que sua identidade cultural⁶ foi abalada por uma vizinhança ainda em configuração, pelo rompimento de costumes que tinham o rio como referência, as festas realizadas, que uniam toda a comunidade em uma mesma tradição que se expressava através destas práticas.

“A senhora não sabe de favela. Nos na favela é o seguinte...nós tem uma porção de critica um com o outro. Mas no hora do pega pra capar, do ajuda, lá todo mundo enche sua casa de comida. Nós somos uma colméia, condado, colônia..no bom sentido. Eu não to transformando gente em abelhas”.

“Lá era bom, tudo era ligado com a gente, mas depois que mudou pra cá... Um bocado de vizinho foi pra lá, um bocado de vizinho foi pra cá, aí ficou separado(...)Lá era mais unido, passava mal uma pessoa juntava todo mundo pra ajudar.”

A reconfiguração dos laços sociais, neste sentido, é fundamental em uma análise sobre remoção de favelas. Demonstrem como este novo espaço é socialmente apropriado, recriado em vínculos, em referenciais que recriam identidades. Principalmente porque as relações de vizinhança são essenciais para os segmentos de renda mais baixa, um dos aspectos mais relevantes da identidade cultural. Por sua vez, na favela, estas populações utilizam a rede de solidariedade de vizinhos e parentes, como estratégia de sobrevivência, relacionada principalmente as suas necessidades cotidianas.

No caso do conjunto Aldeia, para os moradores procedentes de outras áreas da cidade, a dificuldade em estabelecer laços sociais no conjunto também foi relatada. Estes, por sua vez, também vivenciaram uma experiência de desterro ou desenraizamento, típica da remoção. Ou seja, são elementos “estranhos” em uma vizinhança em crise. Sendo assim, tiveram que se questionar qual é o ritual social, isto é, o que se deve fazer, a fim de evitar ser encarado com suspeita ou ser considerado estranho. De acordo com um morador oriundo de outra favela:

⁶ Para Benedict (1976) cultura é vista como atitudes, comportamentos, costumes e sentimentos incorporados pelos indivíduos. E este espírito da cultura que molda o comportamento de grupos e indivíduos, e como estes experimentam e sua vida diária crenças e valores.



“Foi difícil no início...pra mim e pra minha família. A gente veio de outra favela ... Então quando a gente chegou, foi difícil pra gente se enturmar, porque o povo já vivia aqui muito anos... Isso, até eles conhecer a gente melhor! Quando comecei a participar do time de futebol daqui, que melhorou mais!”

Desta forma, uma vez no conjunto, os moradores tanto procedentes da favela da Aldeia como de outras favelas, vivenciaram a árdua tarefa de reconstruir seus laços, suas identidades culturais e adaptar suas práticas a nova realidade, ou seja, apropriar-se deste novo espaço. Assim, no conjunto Aldeia, ao longo dos anos, foram sendo constituídas redes sociais influenciadas pelas identidades sociais de seus moradores. Observa-se, portanto uma complexa realidade marcada pelas diferentes origens de seus habitantes, e que definiu os diversos arranjos sociais que marcam o local.

Desta forma foi possível identificar agrupamentos dos moradores de acordo com suas referências culturais. Alguns moradores oriundos da favela da Aldeia preferem se relacionar com outros também da Aldeia. Assim, muitos vivem um processo de nostalgia, onde o local anterior é visto como melhor que o atual, uma situação de bloqueamento ao novo e diferente. Observei, por exemplo, que um grupo oriundo da favela da Aldeia sempre se reunia para voltar ao local onde era a favela (já que nem todas as casas foram removidas) e pescar como faziam antigamente. Por outro lado, outros moradores oriundos da favela da Aldeia têm buscado reconstruir seus laços sociais independente das origens de seus vizinhos, aceitando os moradores de fora.

Pude perceber o uso de redes sociais como igreja, time de futebol, Associação de moradores, para a reconstrução de vínculos sociais. Tudo isto influenciado pelas referências culturais que os moradores já vivenciaram anteriormente. Assim, aqueles que em sua favela anterior jogavam futebol, buscaram também participar do time no conjunto Aldeia. Os que eram crentes formaram uma igreja. Os que participavam de associação de moradores passaram a participar também no novo local. Assim estas redes sociais funcionam como um instrumento de agrupação de moradores independente de suas favelas de origem, ou seja, favela Aldeia ou outras favelas da cidade. Representam assim uma possibilidade de que laços de pertencimento sejam estabelecidos e que uma identidade cultural própria do conjunto Aldeia venha a ser



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

configurada ao longo dos anos. Neste sentido formam-se grupos aos quais os indivíduos pertencem ou se distinguem.

Assim, a produção de identidades culturais não se constitui um processo uniforme, pois depende de elementos sociais e culturais dos indivíduos, suas trajetórias, suas situações sociais, suas referências culturais. Em um conjunto habitacional, é importante analisar como os diferentes atributos e referências identitárias dos moradores podem resultar em uma identidade sincrética, própria deste novo espaço. O conjunto pode vir a se tornar um espaço de referencial próprio, um espaço de pertencimento, importante a seus moradores.

Neste sentido, as dificuldades entre os moradores, com o tempo, talvez desapareçam à medida que os laços sociais estabelecidos na favela forem se enfraquecendo. Contudo, após dez anos, estes laços ainda estão presentes e pautam a reconstituição de laços sociais. Durante algum tempo ainda persistirão as expressões: “*este veio da favela da Aldeia*” e “*este não, este já veio de fora*”. E isto, por sua vez, estará acompanhado de todas as tensões possíveis a uma comunidade cujos moradores possuem origens diferentes.

Dessa forma, a política habitacional não tem considerado as especificidades dos moradores removidos, ou seja, a necessidade de preservação dos laços sociais, de pertencimento, da configuração de uma identidade cultural das favelas removidas. Contrariamente, a política de habitação social tem por objetivo prático colocar o maior número possível de pessoas dentro de um mesmo espaço, através de um projeto impessoal e desprovido de participação popular.

Os programas habitacionais remocionistas, para Valladares (1978), não tiveram êxito, pois viam a favela apenas como um problema habitacional e de uso de solo. Não consideravam as características de sua população e o porquê de morarem em favelas. Hoje, o uso da remoção como principal solução para a favelização, principalmente nas cidades de médio porte, revela que a municipalização não acumulou com a experiência das grandes cidades.

Entretanto, embora o planejamento estabeleça a localização e a organização dos projetos, os processos humanos, as formas de apropriação social dão as edificações um



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

caráter menos fácil de controlar, por vezes imprevisível. Assim, a política de remoção possui conseqüências sociais e culturais não previstas por seus planejadores. Os processos humanos, podem em alguns casos superar as limitações imposta pelos planejadores urbanos.

Finalmente, a política habitacional não tem interesse em preservar a história, as práticas e as relações sociais das populações removidas. Em verdade, a política não trabalha com noção de vizinhança. Seu propósito é fazer o maior número de casas possíveis para o maior número de pessoas, independente de seus costumes, tradições, de suas identidades culturais. É por isto que pessoas de áreas diferentes – em alguns momentos até rivais - são colocadas em um mesmo conjunto.

Considerações finais

A transferência para um conjunto habitacional pode não ser tão simples como consideram os planejadores urbanos. As conseqüências de uma ruptura social da comunidade removida, a entrada de moradores de outros locais da cidade no novo conjunto podem revelar decorrências inesperadas. O que se observa é que não há participação das camadas populares na elaboração e construção das habitações sociais. A maioria dos projetos habitacionais não considera as práticas usuais, os vínculos comunitários e a história local, já que a população removida não é ouvida na elaboração do projeto.

Os conjuntos habitacionais são marcados pela coexistência de grupos heterogêneos nas suas origens sociais e culturais, em um espaço social comum. Neste sentido, é essencial dar continuidade a estudos sobre este tema, buscando entender os processos de mudanças e continuidade das identidades culturais dos moradores removidos, partindo da memória coletiva dos moradores quanto ao espaço anterior favela.

Por sua vez, o conjunto habitacional, dependendo das origens dos moradores removidos, dos diferentes bairros e favelas, pode se tornar um espaço de fortes contrastes e de uma grande diferenciação social e cultural. Isto, dentro dos campos de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

possibilidades inerentes a vida urbana pode gerar variações culturais devido a seu dinamismo, que não são previstas nos projetos habitacionais.

A apropriação social deste novo espaço, marcado por uma reconstrução de referenciais, símbolos e vínculos sociais merece atenção na elaboração de projetos que vislumbrem não apenas o quantitativo, mas o qualitativo. Projetos que superem a impessoalidade, incorporando as expectativas de seus moradores e que aprenda com as experiências anteriores.

Para entender esta realidade e suas variações é necessário um olhar atento, e acima de tudo dar voz aos moradores. Já que todos os grupos sociais possuem cultura, independente de suas condições econômicas ou educacionais, a favela é um espaço de forte dinamismo cultural e de uma identidade dinâmica. Ao ser transplantado para o conjunto, como os seus moradores se reconstruem neste aspecto é uma forte fonte de pesquisa.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Sergio & ANDRADE, L. **Habitação e poder: da Fundação da Casa Popular ao Banco Nacional de Habitação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BURGOS, Marcelo Baumann. **Cidade, Territórios e Cidadania**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 48, no 1, 2005, pp. 189 a 222.

CARDOSO, Adauto. **Desigualdades urbanas e políticas habitacionais**. Observatório IPPUR/UFRJ-FASE, Ano.2006

DIAS, Vera Lucia Nehls & Mitchell, ANA Stumpf. **A moradia popular e o “morar bem” no sul do Brasil: entre a realidade e o sonho**. Santa Catarina: UDESC, 2006.

FARIA, Teresa de Jesus Peixoto. **Configuração do espaço urbano da cidade de Campos dos Goytacazes após 1950: Novas centralidades, velhas estruturas**. In: Formação Histórica e Econômica do Norte Fluminense. Org: CARVALHO, Ailton Mota de & TOTTI, Maria Eugenia Ferreira Garamond, 2006.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

GUIMARÃES, Danielle Costa. **Casa que eu quero ou a que me oferecem, qual a casa eu preciso? Cultura local e políticas públicas em habitação.** Anais XII Encontro Da Associação Nacional De Pós-Graduação E Pesquisa Em Planejamento Urbano E Regional 21 A 25 De Maio De 2007 Belém - Pará – Brasil.

GONÇALVEZ, Helena Seita. **Processos de reconstrução de identidades culturais em um bairro de habitação social.** Sociologia Problemas e práticas. N° 16 pp. 135-149.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar e pensar.** In conferencias e artículos, Serbal, Barcelona, 1994.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Documentos, 1969.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana,** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEITÃO, Gerônimo & ANDRADE, Luciana da Silva. **Transformações na paisagem urbana: "favelização" de conjuntos habitacionais.** Anais XII encontro da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional. Belém, 21 a 25 de maio de 2007.

LIMA, Adson C. Bozzi Ramatis. **Habitare e habitus** — um ensaio sobre a dimensão ontológica do ato de habitar. Rio de Janeiro: Arqutextos 091, 2007.

PERLHAM, Janice. **O Mito da Marginalidade: Favelas e Política no Rio de Janeiro.** Tradução de Valdivia Coutinho, prefácio de Fernando Henrique Cardoso. Rio De Janeiro :Paz e terra, 1977.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos.** Revista brasileira de Ciências Sociais.vol. 13, n. 38, São Paulo: 1998.

SOARES, Antonio M. de C. & ESPINHEIRA, Carlos G. **Conjuntos habitacionais em Salvador-BA - A transitória inserção social.** Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo: EESC-USP. 2006.

SOUZA E SILVA, Jailson de. **“Por que uns e não outros?” caminhada de jovens pobres para a universidade.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

TEIXEIRA, Maria Cristina Villefort. **Espaço projetado e espaço vivido na habitação social: os conjuntos Goiânia e Araguaia em Belo Horizonte.** Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós -Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade e Federal do Rio de Janeiro – 2007- UFRJ.

VALLADARES. Lícia. **A Gênese da favela carioca.** São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2000.

VALLADARES. Lícia (Org). **Repensando o espaço Urbano.** Rio de Janeiro: ZAHAR editores, 1982.

VALLADARES. Lícia. **Passa-se uma casa.** Análise do Programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro. 2ª ed, Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

ZALUAR, Alba. **A máquina da revolta:** as organizações populares e o significado da pobreza. Rio de Janeiro: **ed. Brasiliense**, 1985.

ZALUAR, Alba & ALUITO, Marcos (Orgs). **Um século de Favelas.** Rio de Janeiro: EDITORA FGV, 1999.